

Smith e Keynes sobre as unidades de salário

Adriana Moreira Amado
Professora do Departamento de Economia
Universidade de Brasília

Palavras-chave

Keynes, Smith,
unidades de salário.

Classificação JEL B00, B30.

Key words

*Keynes, Smith,
wage units.*

JEL Classification B00, B30.

Resumo

Este artigo analisa a teoria do trabalho comandado de Smith e procura compará-la com a abordagem das unidades de salário de Keynes, observando que os dois autores buscavam um lastro no salário nominal para a mensuração do valor ou do nível de atividade da economia. Apesar da literatura observar esta semelhança, ela não faz uma análise detalhada da mesma, deixando de demonstrar as conclusões opostas sobre a moeda que estas duas teorias geram.

Abstract

This paper analyses Adam Smith's labour commanded value theory and proceeds with a comparison between this theory and Keynes' wage units approach, demonstrating that both authors were mainly concerned with a nominal anchor to the measure of value. This similarity in both theories is observed in the economic literature in several occasions. However, there are no detailed analyses of the elements that originate the differences between those authors as for the monetary theory and which are in a way or another associated to the use of nominal wages as an anchor for the measurement of value.

1_ Introdução

Uma das discussões amplamente difundidas na literatura sobre a obra de Keynes diz respeito à importância do suposto da rigidez do salário nominal para a conclusão de desemprego involuntário. A teoria neoclássica observa este suposto como fundamental para gerar o resultado de desemprego involuntário apresentado pela *Teoria Geral*. Assumindo, assim, este trabalho um caráter particular em relação à teoria geral: Clássica.¹ Esta discussão passa necessariamente pelo objetivo que Keynes tinha em mente ao trabalhar com as unidades de salário como elemento de medida para o produto, ou para o emprego em economias monetárias de produção. Contudo, a principal questão que está por trás desta discussão parece ter sido pouco observada. Neste caso há duas alternativas: Keynes trabalha com as unidades salariais para poder justificar a rigidez salarial e a partir daí estabelecer a relevância do salário nominal rígido para a geração do desemprego involuntário, ou pretende se esquivar dos problemas relativos aos números-índices, largamente discutidos por ele no *Tratado sobre a Moeda* (Keynes, 1930), e gerar um deflator mais adequado à mensuração das questões relativas ao emprego.² Acreditamos que a segunda hipótese seja ver-

dadeira e, mais, cremos que Keynes ampliou a importância de se trabalhar com as unidades de salário mostrando que, em determinadas condições institucionais, o salário monetário e não apenas nominal é fundamental para compreender o papel fundamental que a moeda tem a desempenhar em uma economia monetária de produção.

No *Tratado sobre a Moeda*, Livro II, Keynes analisa exatamente os problemas associados ao uso de números índices e acaba concluindo que haveria dois índices adequados que permitiriam a mensuração do produto e das variáveis relevantes que para ele seriam: o “*purchasing power of money*” e o “*labour power of money*”. Com relação ao primeiro ele coloca:

We mean by the purchasing power of money the power of money to buy goods and services on the purchase of which for purposes of consumption a given community of individuals expend their money income. That is to say, it is measured by the quantity of such goods and services weighted according to their importance as objects of consumption, which a unit of money will buy; and the appropriate index number is of the type sometimes designated as the consumption index. It follows that purchasing power must always be defined with reference to a particular set of individuals in a given

.....
¹ Para uma análise mais detalhada de algumas interpretações de caráter neoclássico da *Teoria Geral* ver Leijofhuvud (1968, 1969) e Kregel (1996) entre outros.

² Esta questão é levantada por Sylos-Labini, (1984, p. 15-16), Chick, (1983) Bradford e Harcourt, (1997).

situation, namely those whose actual consumption furnishes us with our standard, and has no clear meaning unless this reference has been given.

(Keynes, 1930, p. 48).

Chamando a atenção para as dificuldades envolvidas em usar os índices oficiais para formular uma análise que contemple a questão colocada anteriormente, ele observa:

The problem will be discussed in the following order: 1. The purchasing power of money or consumption standard will be discussed in this chapter, along with the labour power of money or earnings standard which measures the power of money to command units of human effort...

(Keynes, 1930, p. 49-50).

Mostrando que os índices disponíveis não contemplam sua perspectiva de abordar a capacidade da moeda de comandar valor

There is at present a most serious lack of satisfactory index numbers of purchasing power. Hitherto no official authority has compiled an index number which could fairly be called an index number of purchasing power. They generally deal with one or other of the secondary price levels... An index number of the purchasing power of money should include, directly or indirectly, once and once only, all the items

which enter into final consumption (as distinct of intermediate productive process) weighted in proportion to the amount of their money income which the consuming public devote to them.

(Keynes, 1930, p. 50).

Nesta linha ele segue sua análise e crítica o uso do *purchasing power of money* como índice para medida do produto.

Quanto ao uso do *labour power of money* ele afirma:

The chief obstacle in the way of computing this standard is to be found in the difficulty of finding a common unit in which to compare different kinds of human effort. For even if we agree – as we must – that is proper to ignore degrees of skill in this connection and to mean the rate of earnings per unit of effort averaged over all the grades of skill actually prevailing in the community, we ought still, theoretically at least, to take account of variations in the intensity, distastefulness and regularity of work. In practice the best we can achieve – even if we can achieve that – is to take as our index of labour power of money or earnings standard the average hourly money earnings of the whole body of workers of every grade.

(Keynes, 1930, p. 56).

Keynes deixa, assim, o caminho aberto para trabalhar com as unidades de salário como índice deflator mais ade-

quado e retomará as discussões sobre a questão da heterogeneidade do trabalho e dos problemas que ela gera para o índice associado às unidades de salário na *Teoria Geral*.

A leitura dos capítulos em que Smith procura estabelecer uma teoria do valor que justifique as relações de troca permanentes e/ou duradouras entre as diversas mercadorias, ou bens,³ nos remete às observações feitas por Keynes acerca de um elemento que permitisse a mensuração do produto em economias monetárias de produção. Nitidamente, a solução encontrada para ancorar e realizar esta medida em economias mais “avançadas” é muito semelhante nos dois autores, embora, as preocupações que os conduzem a este elemento sejam bastante diversas.

Esta observação está presente na literatura de forma relativamente freqüente.

Blaug (1997, p. 48-49) nota:

Smith decides, however, to correct prices for changes in money wage rates rather than changes in the average level of prices. This peculiar solution to the index-number problem is precisely the one adopted in our own times by Keynes who defined income in terms of employment rather than physical output. By using a wage unit as a deflator – the money wage paid for an hour of common labour – Keynes obtained a

one-to-one relationship between income and employment, given a constant share of wages in total income. In the Keynesian short run it makes little difference whether one corrects for price changes or for wage changes but in the long run the choice of a deflator is a serious matter, for, as the productivity of labour rises, prices will normally fall relative to wage rates. Unlike Keynes, Adam Smith did want to measure real income over long periods of time and his choice of a labour standard was dictated, not by any conviction that money wages are less subject to variation than prices in general, but by his conception of the nature of economic welfare.

Analisando as teorias de Keynes e Smith em relação à unidade relevante para a medida da atividade Sylos-Labini (1984, p. 29, n. 15) observa:

There are several points in common between Keynes and Smith. One is the wage unit; another is the very limited interest in the distribution of income and the great interest in the demand for labour; still another is the question of the relations between wages and prices.

O autor chama a atenção para o fato que há diferenças fundamentais entre os dois autores e uma das que merece destaque refere-se a Keynes trabalhar assumindo a inexistência de progresso técnico e Smith estar assumindo e analisando

.....
³ Estamos nos referindo aos Capítulos IV, V e VI do Livro I da *Riqueza das Nações*.

do exatamente a existência do mesmo. Contudo, crê o autor que o uso do salário nominal nos dois autores como o deflator mais adequado deve-se à preocupação de ambos com questões associadas ao emprego.⁴

Neste artigo estaremos interessados em detalhar as comparações entre os usos feitos por Smith e Keynes do salário nominal como âncora para a mensuração do nível de atividade em economias monetárias de produção, no segundo, e economias capitalistas, no primeiro, mostrando, para tanto, como a noção de trabalho comandado surge na análise de Smith como uma das explicações para o valor e como e porque esta noção sucede a idéia prévia (em sua obra) de trabalho incorporado como fonte de valor sendo,

posteriormente, substituída pela noção de custos de produção.⁵ Mostraremos, também, a relevância atribuída por Keynes aos salários nominais como elementos de medida em uma economia monetária de produção, ainda que este autor não estivesse preocupado em discutir/elaborar uma teoria própria do valor,⁶ a forma como os salários nominais se relacionam com a moeda e como estes elementos fornecem parte dos fundamentos de uma economia monetária de produção e da não-neutralidade da moeda, elementos fundamentais para a teoria de Keynes.

Estabelecidas estas duas análises sobre a importância do uso de unidades de salário e do trabalho comandado como unidades de medida, estabeleceremos algumas considerações sobre as semelhanças e diferenças das abordagens destes dois autores, que, aparentemente, partem de preocupações distintas e chegam a soluções próximas, ainda que com justificativas diferentes para adotarem os mesmos caminhos. E a partir daí geram resultados absolutamente diversos no que diz respeito ao papel da moeda em economias “avançadas”.

Cabe ressaltar que os dois autores escrevem e, portanto, observam a economia em momentos históricos bastante diferentes. Este fato, obviamente, tem impactos substantivos no tipo de desen-

.....
⁴ Cabe ressaltar que Smith, em alguns momentos, observa que o trigo seria o deflator mais adequado a ser usado como forma de expurgar as variações nos preços nominais (Smith, 1976, cap. V e XI), contudo, retoma recorrentemente à idéia de que “o trabalho seria a moeda originária”, ou seja, que o trabalho e o salário nominal seriam as formas mais adequadas de mensuração do valor (Smith, 1976).

.....
⁵ Esta visão não é consensual (Coutinho, 1991).

⁶ Townshend (1937) discorda desta posição mostrando que na *Teoria Geral* há uma teoria própria de determinação do valor dos ativos financeiros e esta exerce influência sobre o valor das diversas mercadorias na economia. Contudo, em algumas ocasiões, Keynes enfatiza o fato de não querer discutir o valor enquanto um elemento isolado.

volvimento teórico traçado por ambos e nas preocupações, motivações e conclusões associadas à questão pertinente neste trabalho, ou seja, o uso do trabalho comandado como âncora para a mensuração do valor e/ou do produto.

Enquanto Smith escreve nos primórdios do capitalismo industrial em que já se configuravam traços de uma economia monetária de produção, mas todo seu potencial ainda não estava desenvolvido, Keynes desenvolve sua obra em um momento em que o capitalismo já estava plenamente desenvolvido e em que as esferas monetária e financeira já se mostravam claramente como elementos essenciais para a compreensão da dinâmica de acumulação destas economias.⁷

O artigo não objetiva discutir de forma aprofundada e, muito menos, exaustiva a teoria do valor de Smith e nem dar nenhuma contribuição original à teoria de Keynes. A contribuição do artigo refere-se à comparação do uso feito das unidades de salário em Keynes e da teoria do valor trabalho comandado em Smith mostrando as semelhanças e diferenças dos usos feitos da noção de trabalho comandado por estes autores e o tipo de resultado que eles obtêm no que se refere à moeda. Desta maneira, mostramos que a adoção do salário nominal, como âncora

mais segura para a mensuração do valor, pode gerar resultados bastante distintos no que diz respeito ao papel da moeda em economias “avançadas”.

2_ Smith e a Teoria do Valor com base no trabalho comandado

Smith inicia o Capítulo V do Livro I da *Riqueza das Nações* observando:

Every man is rich or poor according to the degree in which he can afford to enjoy the necessaries, conveniences, and amusements of human life. But after the division of labour has once thoroughly taken place, it is but a very small part of these with a man's own labour can supply him. The far greater part of them he must derive from the labour of other people, and he must be rich or poor according to the quantity of that labour which he can command, or which he can afford to purchase. The value of any commodity, therefore, to the person who possesses it, and who means not to use or consume it himself, but to exchange it for other commodities, is equal to the quantity of labour which it enables him to purchase or command. Labour, therefore, is the real measure of the exchangeable value of all commodities (Smith, 1976, p. 47).

Da citação acima percebe-se a preocupação do autor em mensurar a relação de troca entre as diversas mercadorias e

.....
⁷ Para uma contextualização mais adequada e específica da obra dos dois autores ver: Schumpeter (1994), Napoleoni (1977, 1978), Blaug (1997), Hunt (1982), Skidelsky (1992), entre outros.

ao fazer isto encontrar uma medida sólida da riqueza de um determinado indivíduo, e, talvez, da sociedade como um todo. Claramente, ele está se referindo a uma sociedade que atingiu um nível mínimo de desenvolvimento social, dado que assume que a divisão do trabalho já tem lugar. Neste contexto, o elemento escolhido por ele como fonte para a mensuração do valor é o trabalho. Contudo, ele não está tratando do trabalho passado, aquele que deu origem à mercadoria, ou seja, aquele que faz parte dela e está incorporado na mesma, mas sim do trabalho que aquela mercadoria tem a capacidade de colocar em movimento. Ou seja, do trabalho que aquela mercadoria pode comandar. Cabe chamar a atenção que, ao contrário da tradição que será desenvolvida posteriormente e que tem em Ricardo e Marx seus principais expoentes, Smith não parece estar preocupado em encontrar uma medida objetiva de valor, via trabalho, tal qual as horas de trabalho incorporadas na mercadoria, mas opta por um caminho muito mais sujeito a variáveis subjetivas e que, em certa medida, passa duplamente pela validação do mercado: primeiro porque a mercadoria tem de transformar-se em moeda e segundo porque a moeda tem de transformar-se em salário. Contudo, essa tro-

ca poderia também ser feita de forma direta, de maneira que a mercadoria fosse comprada por trabalho. Neste sentido Smith observa:

Labour was the first price, the original purchase-money that was paid for all things. It was not by gold or silver, but by labour, that all the wealth of the world was originally purchased; and its value, to those who possess it and who want to change it for some new production, is precisely equal to the quantity of labour which it can enable them to purchase or command.

(Smith, 1976, p. 48).

As razões apresentadas para o trabalho ser a “moeda originária” não aparecem de forma explícita em Smith. Contudo, de forma dispersa, o autor demonstra que o seu caráter de insumo comum a todas as mercadorias lhe dá a especificidade de medida de valor (Smith, 1976, v. 1, p. 47).

Mais adiante, Smith coloca:

labour alone, therefore, never varying in its own value, is alone the ultimate and real standard by which the value of all commodities can at all times and phases be estimated and compared. It is their real price; money is their nominal price only.

(Smith, 1976, v. 1, p. 51).

Neste trecho Smith está atribuindo uma importância analítica muito superior

aos preços reais do que aos preços nominais. Este reduzido papel das variáveis monetárias é comum a toda a sua obra. Os preços nominais teriam um caráter meramente transitório e não refletiriam as “verdadeiras” relações de troca entre as mercadorias, assim, oscilando em torno dos preços reais que seriam as âncoras últimas das mesmas (Smith, 1976, v. 1, cap. IV e V).

Observaremos que, em Keynes, o comando sobre o trabalho também é a verdadeira medida do valor e da acumulação de uma economia monetária de produção. Contudo, ao invés de negar a importância das variáveis monetárias ou, a partir daí, desenvolver uma teoria em que a moeda é neutra, como faz grande parte dos clássicos, inclusive Smith, Keynes ao dotar a moeda de uma âncora nominal, ao analisar os salários nominais/monetários e, conseqüentemente, contratos denominados em moeda, cria as condições para a não-neutralidade da moeda e para sua relevância analítica.

Como foi previamente observado, a teoria do valor de Smith muda ao longo de sua obra. Este autor formula basicamente quatro teorias do valor:

- a. o valor seria explicado pelo trabalho incorporado na mercadoria, contudo, esta teoria apenas seria válida em estágios do desenvol-

vimento em que não houveste acumulação de capital e/ou propriedade privada do estoque de capital acumulado;

- b. o valor seria explicado pelo trabalho que uma mercadoria pode comandar;
- c. o valor seria explicado pela desutilidade subjetiva do trabalho necessário para a produção de uma dada mercadoria;
- d. o valor seria explicado pelos custos de produção da mercadoria.⁸

As três últimas “teorias” aplicam-se aos estágios mais desenvolvidos da sociedade e não são refutadas pelo autor em nenhum momento (Napoleoni 1977, 1978; Schumpeter, 1994; Blaug, 1997).

Contudo, a teoria efetivamente utilizada por Smith para a mensuração do valor é a de custos de produção. Exatamente isto permite a Schumpeter afirmar que:

We came to the conclusion that, in spite of his emphasis on the labor factor, his theory of value is no labor theory at all.

(Schumpeter, 1986, p. 189).

e mais:

Finally, as we have already had occasion to notice A. Smith (Book I, Chapter 5) considers the quantity of labor a commodity can command in the market the

.....
⁸ Estas teorias são parte do desenvolvimento do capítulo V do Livro I da *Riqueza das Nações* e foram sistematizadas por diversos autores em suas exposições sobre as “teorias do valor” de Smith. Como exemplos destas sistematizações e análises textuais da análise de Smith podemos mencionar Blaug (1997, p. 48) e Schumpeter (1994, p. 590).

most useful substitute for its price in money, that is to say, he chooses labor for numeraire. On principle, there can be no objection to this decision, which in itself no more commits him to a labor theory of value than the choice of oxen for numeraire would commit us to an ox theory of value.

(Schumpeter, 1986, p. 310).

Desta forma, podemos observar que, apesar da ambigüidade da ou das teorias do valor de Smith, em que várias noções de valor são formuladas⁹ um dos traços marcantes de sua obra é a noção de trabalho comandado, que posteriormente foi substituída pela teoria dos custos de produção. É com base naquela que iremos procurar identificar alguns pontos de interseção entre Smith e Keynes.

⁹ O que leva diversos autores a observarem que não há uma teoria do valor consistente em Smith.

¹⁰ Não estar preocupado com a elaboração de uma teoria do valor específica e com a origem do valor não implica em que ele não tenha uma teoria para a determinação de preços relativos, ainda que esta parta de bases neoclássicas. A preocupação com a determinação de preços relativos de ativos através do comportamento dos agentes e

com a transmissão dos efeitos desta para a esfera real da economia pode ser observada em Townshend (1937), conforme observado anteriormente.

¹¹ Esta postura está presente, sobretudo, na *Teoria Geral*. Em análises de caráter mais aplicado ele opta por trabalhar com dados oriundos das estatísticas oficiais, apesar de reconhecer os problemas das mesmas. Este é o caso específico de *How to Pay for the War* (Keynes, 1972).

3_ Keynes e a preocupação com a âncora do salário nominal e com o emprego

Keynes, ao contrário de Smith, não está preocupado diretamente com a formulação de uma teoria do valor específica. Ele assume a teoria neoclássica e parte dela para sua análise.¹⁰ Contudo, em sua preocupação maior, a determinação do nível de atividade e das origens do desemprego involuntário, ele retoma parte das observações clássicas sobre o valor, ainda que não o faça com este objetivo.¹¹ Isto fica claro quando ele fala:

I sympathise, therefore, with the pre-classical doctrine that everything is produced by labour, aided by what used to be called art and is now called technique, by natural resources which are free or cost a rent according to their scarcity or abundance, and by the results of past labour, embodied in assets, which also command a price according to their scarcity or abundance. It is preferable to regard labour, including, of course, the personal services of the entrepreneur and his assistants, as the sole factor of production, operating in a given environment of technique, natural resources, capital equipment and effective demand. This partly explains why we have been able to take the unit of labour as the sole physical unit which we require in our economic system, apart from units of money and of time.

(Keynes, 1936, p. 213-214).

Nesta citação fica nítida a origem clássica (pré-clássica) do uso do trabalho como âncora para a mensuração do nível de emprego, ou como unidade de medida. Contudo, ainda não está claro a que “teoria” do valor baseada no trabalho Keynes está se referindo, isto, entretanto, havia sido adiantado em capítulos anteriores da *Teoria Geral*.

Mais uma vez cabe ressaltar que a preocupação de Keynes não era relativa ao valor ou à relação de troca entre as mercadorias, mas sim à busca de uma medida segura e relativamente estável para o nível de atividade.¹² Isto pode ser observado quando ele aponta as principais dificuldades por ele encontradas ao escrever a *Teoria Geral*:

The three perplexities which most impeded my progress in writing this book, so that I could not express myself conveniently until I had found some solution for them, are: firstly, the choice of the units of quantity appropriate to the problem of the economic system as a whole; secondly, the part played by expectation in economic analysis; and, thirdly, the definition of income.

(Keynes, 1936, p. 37).

A preocupação de Keynes com o emprego e, conseqüentemente, com sua medida, leva-o a procurar uma unidade

de medida que seja relativamente estável no tempo.¹³ Na *Teoria Geral* ele estabelece que trabalhará basicamente com duas unidades:

In dealing with the theory of employment I propose, therefore, to make use of only two fundamental units of quantity, namely, quantities of money-value and quantities of employment” “We shall call the unit in which the quantity of employment is measured the labour unit; and the money wage of a labour unit we shall call the wage unit. (Keynes, 1936, p. 41).

É exatamente a partir daí que Keynes estabelece a relação de um para um a que se referia Blaug anteriormente e que permite a mensuração do produto via emprego.¹⁴

¹² Chick (1983) analisa de forma bastante detalhada o uso feito por Keynes do salário nominal como deflator e as implicações deste uso.

¹³ Keynes no *Tratado sobre a Moeda* desenvolve uma longa discussão sobre o índice de preços mostrando os principais problemas de trabalhar com este elemento de homogeneização das unidades (Keynes, 1930), como visto anteriormente. Em decorrência dos problemas apontados em

relação aos índices de preços, Keynes opta por utilizar as unidades de salário como deflator. Bradford e Harcourt (1997) resumem bem esta discussão e mostram as razões para o uso da unidade de salário como base para a mensuração da atividade econômica.

¹⁴ Cabe notar que, enquanto Keynes usa a variável emprego, Smith trabalha com a noção de horas de trabalho, ou, em sentido mais amplo, de trabalho.

Podemos perceber, assim, que neste sistema a moeda continua sendo importante, pois as variáveis monetárias são levadas em consideração, contudo, estabelece-se uma unidade de medida estável via a relação da moeda com o comando do trabalho (salário nominal, unidades de salário). Com isto, Keynes, sem sair do marco teórico de uma economia monetária de produção, consegue elementos para mensurar o produto:

It follows that we shall measure changes in current output by reference to the number of hours of labour paid for (whether to satisfy consumers or to produce fresh capital equipment) on the existing capital equipment.

(Keynes, 1936, p. 44).

Esta afirmação, se aproxima bastante das observações de Smith acerca do valor, ainda que Keynes não esteja imediatamente preocupado com o estabelecimento da relação de troca entre bens, mas sim com a criação de valor na economia como um todo. Isto fica patente por ele observar a quantidade de trabalho que um determinado estoque de capital é capaz de colocar em movimento.

Em um artigo cujo objetivo era sistematizar os fundamentos de uma economia monetária de produção Carvalho (1992) observa:

A âncora da moeda no sistema keynesiano é o salário monetário. O poder de co-

mando sobre o trabalho conferido pela moeda é o indicador mais significativo do volume de riqueza acumulado por uma firma. O trabalho, como a moeda, tem uma natureza genérica, por ser insumo essencial a qualquer processo produtivo, elemento comum na determinação de todos os preços. A “cesta” de bens relevantes para as firmas como um todo, portanto, é constituída por unidades de salários.

Outra similaridade entre Keynes e Smith decorre do fato de ambos tomarem o trabalho comandado¹⁵ como unidade de medida em economias em estágios de desenvolvimento mais avançados. Nos dois autores, contudo, a explicação para este elemento é diferente. Em Smith a opção pela teoria do valor baseada no trabalho comandado deve-se ao fato de ele não observar as particularidades da mercadoria força de trabalho, como fará Marx posteriormente, e por este motivo não ter uma explicação adequada para o lucro em economias em que há propriedade privada.¹⁶

Em Keynes, por outro lado, a preocupação com a mensuração do nível de produto via emprego, que só é possível pressupondo o intermediário das unidades de salário e da idéia de trabalho comandado, é fundamental porque sua preocupação central era exatamente demonstrar que em economias monetárias de

.....
¹⁵ Smith trabalha com a noção de trabalho médio e não de trabalhos “particularizados”, “individualizados” sujeitos a variações de produtividade (Smith, 1976, v. I, p. 48-49).

¹⁶ Esta perspectiva é, em grande parte, decorrente das interpretações feitas de Smith com base nas análises de Marx (Coutinho, 1991).

produção, economias empresariais ou economias de salário nominal, o desemprego é uma possibilidade real e bastante plausível, em contraste com o que se observa nas economias cooperativas ou de salário real, que seria o marco teórico adequado para a teorias clássica (Keynes, 1979, v. XXIX). Por este motivo, Keynes vai dar especial ênfase à medida do emprego como unidade para o produto e, mais, vai procurar exatamente no “tripé”: características de uma economia monetária de produção, características da moeda e salário nominal, os elementos que explicam a possibilidade de desemprego involuntário nas economias monetárias de produção. Ao fazer isto, partindo de uma unidade de medida próxima à de Smith, Keynes chega a uma concepção de teoria monetária e de não-neutralidade da moeda que é absolutamente oposta à de Smith.

Keynes define as economias monetárias de produção por uma série de axiomas que estão expostos no v. XXIX dos CWJMK e foram adequadamente sistematizados por Carvalho (1992). Contudo, alguns destes axiomas são fundamentais para o tratamento da relevância do salário nominal, da idéia de trabalho comandado como base para a mensuração do processo de acumulação, do salá-

rio nominal como âncora para uma economia monetária de produção, dos contratos e da moeda como elemento fundamental para estes contratos e, finalmente, para a relação entre moeda, salários nominais e não-neutralidade da moeda.

Keynes observa no v. XIX dos CWJMK, em que ele define uma economia monetária de produção, que o fim último do processo produtivo é obter um *valor monetário* maior do que o inicial.

In an entrepreneur economy... An entrepreneur is interested, not in the amount of product, but in the amount of money which will fall to his share. He will increase his output if by so doing he expects to increase his money profit, even though this profit represents a smaller quantity of product than before.

(Keynes, 1979, v. XXIX, p. 82).

The firm is dealing throughout in terms of sums of money. It has no object in the world except to end up with more money than it started with. That is the essential characteristic of an entrepreneur economy.

(Keynes, 1979, v. XXIX, p. 89).

Os limites impostos pela moeda à acumulação dependem de seu atributo de liquidez. A liquidez está associada à flexibilidade que este ativo possui, uma vez que a flexibilidade é a resposta a duas

características essenciais das economias monetárias de produção: a presença de tempo histórico e, conseqüentemente, da incerteza. A liquidez da moeda deve-se, em grande parte, ao fato de o trabalho ser o insumo mais comum, geral, das economias monetárias de produção e de sua remuneração ser feita em termos monetários e essa remuneração ter por base contratos que são, também, monetários, o que, em certo sentido, fornece uma âncora à moeda (Keynes, 1979, v. XXIX).¹⁷

Relacionando a liquidez da moeda com os salários nominais Keynes observa:

In the first place, the fact that contracts are fixed, and wages are usually somewhat stable, in terms of money, unquestionably plays a large part in attracting to money a high liquidity-premium. The convenience of holding assets in the same standard as that in which future liabilities may fall due and in a standard in terms of which the future cost of living is expected to be relatively stable, is obvious.

(Keynes, 1936, p. 236-237).

Esta observação ao invés de chamar a atenção para o fato de que sua teoria está assumindo salários nominais rígidos, base para o desenvolvimento de uma das vertentes, a mais comum talvez, do “keynesianismo bastardo”,¹⁸ está mostrando que a relação da moeda com o sa-

lário nominal é fundamental para a ancoragem e para o conseqüente prêmio de liquidez que a moeda possui. Isto fica claro em:

The normal expectation that the value of output will be more stable in terms of money than in terms of any other commodity, depends of course, not on wages being arranged in terms of money, but on wages being relatively sticky in terms of money ... (Keynes, 1936, p. 237).

In other words, the expectation of a relatively stickiness of wages in terms of money is a corollary of the excess of liquidity-premium over carrying costs being greater for money than for any other asset.

(Keynes, 1936, p. 237).

e mais:

The fact that money has low elasticities of production and substitution and low carrying costs tends to raise the expectation that money-wages will be relatively stable; and this expectation enhances money's liquidity-premium and prevents the expectational correlation between the money-rate of interest and the marginal efficiencies of other assets which might, if it could exist, rob the money-rate of interest of its sting. (Keynes, 1936, p. 238).

Ou seja, são as particularidades da moeda em economias monetárias de produção que dão ao salário nominal uma

.....
¹⁷ Para uma análise detalhada desta discussão ver Davidson, (1978).

¹⁸ Aqui estamos pensando na vertente que se origina com Hicks em 1937 e que se apresenta como observando a origem do resultado de desemprego involuntário de Keynes na rigidez nominal. Para maiores detalhes sobre as várias vertentes do “keynesianismo bastardo” ver (Leijohufvud, 1968, 1969) e Kregel (1996).

certa rigidez e não a rigidez do salário nominal que gera a possibilidade de desemprego involuntário, como adorariam os membros da síntese neoclássica, mencionados anteriormente, apesar da rigidez dos salários nominais ser um elemento importante para o prêmio de liquidez da moeda. Essa interpretação tanto é correta que a suposição da rigidez dos salários nominais é relaxada no Capítulo XIX da *Teoria Geral* e os resultados que são encontrados por Keynes vão no sentido do reforço da possibilidade e profundidade da crise em economias monetárias de produção.

Em Smith havíamos observado que a escolha do trabalho como medida de valor, seja incorporado ou comandado, devia-se ao fato dele estar presente na produção de todos os bens, sendo o insumo mais comum/amplo da economia, o que o aproxima de Keynes. Contudo, sua análise parava aí, enquanto em Keynes há a possibilidade da relação da moeda com o trabalho ter uma interferência profunda na determinação da trajetória de crescimento da economia. Desta forma, Keynes avança em relação a Smith ao conseguir compor um quadro em que as várias esferas da sua teoria são incorporadas e a resultante deste quadro mais geral é exatamente a noção de economia

monetária de produção, em que a moeda é não-neutra. Keynes observa:

Perhaps anything in terms of which the factors of production contract to be remunerated, which is not and cannot be a part of current output and is capable of being used otherwise than to purchase current output, is, in a sense, money. If so, but not otherwise, the use of money is a necessary condition for fluctuations in effective demand. (Keynes, 1979, v. 29, p. 86).

Fica claro, portanto, que o fato de economias monetárias de produção possuírem contratos de trabalho monetários faz uma grande diferença em termos da determinação das trajetórias de crescimento. Por este motivo, Keynes denomina estas economias, de forma alternativa, de economias de salário monetário (*money-wage economy*). Contudo, a compreensão da relevância da moeda nas mesmas não fica completa apenas com a análise da relação trabalho, produção, contratos monetários de trabalho. Falta um elemento fundamental para compreender a importância que a moeda assume nas mesmas: a observação das especificidades da moeda. Neste aspecto também podemos observar alguma relevância da noção de trabalho comandado, que é exatamente o que cria a possibilidade de crises nas economias monetárias de produção.

Keynes estabelece duas propriedades fundamentais da moeda, que são as responsáveis pelas especificidades que este ativo possui em economias monetárias de produção:

- a. a baixa ou desprezível elasticidade de produção;
- b. a baixa ou desprezível elasticidade de substituição (Keynes, 1936, cap. 17).

Para nossos propósitos nos centraremos na primeira especificidade. Quando falando sobre essa particularidade da moeda, Keynes discute a idéia de poder de comandar trabalho versus a incorporação de trabalho. Obviamente a contraposição de noções de valor não é o que o preocupa neste momento, mas ele está sugerindo que o ativo moeda tem como uma de suas particularidades o rompimento de qualquer vínculo, ainda que não direto, entre estas duas coisas:

Elasticity of production meaning in this context, the response of the quantity of labour applied to producing it to a rise in the quantity of labour which a unit of it will command.

(Keynes, 1936, p. 230).

Essa análise possui algum nível de proximidade com Smith. Contudo, o objetivo de Keynes aqui não era proprie-

mente discutir a questão do comando de trabalho como origem do valor mas, sim, observar os problemas que as especificidades de uma baixa elasticidade de produção podem causar para o emprego em uma economia monetária de produção.

Exatamente o poder que a moeda possui de absorver poder de compra sem gerar renda em sua produção e sua baixa elasticidade de substituição é que fazem com que ela seja um “*bottomless sink for the purchasing power*” (Keynes, 1936, p. 231) e “*rules the roost*” (Keynes, 1936, p. 223). E é exatamente da junção das especificidades da moeda com os contratos denominados em moeda e, sobretudo, dos contratos salariais denominados em moeda que resulta a possibilidade de desemprego involuntário em economias monetárias de produção.

Portanto, em Keynes a discussão da unidade de salário, que se assemelha à postura de Smith em relação ao trabalho comandado, não é algo que pára na busca da origem do valor. Esta questão sequer faz parte das preocupações principais de Keynes na *Teoria Geral*. Mas sim, tem um papel bastante importante na caracterização das economias monetárias de produção ao mesmo tempo que é um fator determinante para a não-neutralidade da moeda e para o poder que a mesma pos-

sui de determinar a trajetória de crescimento destas economias, ao contrário do que ocorre na teoria monetária de Smith, em que se chega a uma moeda neutra no longo prazo e, assim, dissocia-se a discussão do valor da discussão monetária.

4_ Conclusão

Dentre as várias tentativas de Smith de formular uma teoria do valor duas têm especial destaque na literatura:

- a. a teoria do trabalho comandado;
- b. a teoria dos custos de produção.

A primeira explicação assemelha-se bastante com as análises de Keynes acerca das unidades adequadas para mensurar o produto em economias monetárias de produção. Contudo, apesar da referência feita pela literatura a esta semelhança, pouco tem se desenvolvido a este respeito. O artigo procurou mostrar que, além da semelhança patente destes dois autores, no que tange à noção de trabalho comandado como unidade de medida adequada em economias em estágio de desenvolvimento mais avançados, há algumas diferenças fundamentais que os separam, no que tange ao posterior desenvolvimento desta noção. Observamos que, enquanto Smith elabora sua teoria do valor com base no trabalho comanda-

do e posteriormente a abandona, formulando em separado uma teoria monetária, Keynes vai unir estas duas coisas mostrando que a importância dos salários nominais e a justificativa para escolher o salário nominal como unidade relevante em economias monetárias de produção decorrem das especificidades da moeda. Ao fazer isto ele coloca juntas partes que estavam separadas na obra de Smith e elabora uma teoria da não-neutralidade da moeda.

Referências bibliográficas

- BLAUG, M. *Economic theory in retrospect*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- BRADFORD, W.; HARCOURT, G. C. Units and definitions. In: HARCOURT, G. C.; RIACH, P. A. *A second edition of the general theory*. London: Routledge, 1997. v. 1.
- CARVALHO, F. C. Moeda, produção e acumulação: uma perspectiva pós-keynesiana. In: SILVA, M. L. F. *Moeda e produção: teorias comparadas*. Brasília: Universidade de Brasília, 1992.
- CHICK, V. *Macroeconomics after Keynes*. Cambridge: MIT Press, 1983.
- COUTINHO, M. *Lições de economia política clássica*. São Paulo: HUCITEC, 1991.
- DAVIDSON, P. *Money and the real world*. London: MacMillan, 1978.
- HUNT, E. K. *História do pensamento econômico*. Rio de Janeiro: Campus, 1982.
- KEYNES, J. M. *A treatise on Money*. London: MacMillan, 1930.
- KEYNES, J. M. *The general theory of employment, interest and money*. London: MacMillan, 1936.
- KEYNES, J. M. How to pay for the war. In: *The collected writings of John Maynard Keynes*. London: MacMillan, 1972. v. IX.
- KEYNES, J. M. *The collected writings of John Maynard Keynes*. London: MacMillan, 1979. v. XXIX.
- KREGEL, J. A. Of prodigal sons and bastard progeny. In: *The economics of Joan Robinson*. London: Routledge, 1996.
- LEIJONHUFVUD, A. *On keynesian economics and the economics of Keynes: a study in monetary theory*. New York: Oxford University Press, 1968.
- LEIJONHUFVUD, A. *Keynes and the classics*. London: IEA, 1969.
- NAPOLEONI, C. *O valor na ciência econômica*. Lisboa: Presença Ltda., 1977.
- NAPOLEONI, C. *Smith, Ricardo e Marx*. Rio de Janeiro: Graal Ltda., 1978.
- SCHUMPETER, J. A. *History of economic analysis*. New York: Oxford University Press, 1986.
- SCHUMPETER, J. A. *History of economic analysis*. New York: Oxford University Press, 1994.
- SKIDELSKY, R. *John Maynard Keynes*. London: MacMillan, 1992.
- SMITH, A. *An inquiry into the nature and causes of the wealth of nations*. Oxford: Oxford University Press, 1976.
- SYLOS-LABINI, P. *The forces of economic growth and decline*. Cambridge: MIT Press, 1984.
- TOWNSHEND, H. Liquidity premium and the theory of values. *Economic Journal*, v. 47, n. 185, 1937.
-
 : *A autora agradece os comentários*
 : *de Mauro Boianovsky, Maria de*
 : *Lourdes Rollemberg Mollo e os*
 : *minuciosos comentários e sugestões*
 : *de dois pareceristas anônimos.*
 :
 :
 : **E-mail de contato da autora:**
 : uctpama@unb.br
 :